

Comparação entre as pandemias de gripe de 1918 e 2009 na perspectiva do Hospital São Vicente de Paulo em Passo Fundo, Rio Grande do Sul

Comparison between influenza pandemics of 1918 and 2009 from the perspective of Hospital São Vicente de Paulo in Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brazil

Paula da Rocha Jaskulski¹, Mariluce da Rocha Jaskulski², Luiz Gustavo Guilhermano³

¹ Acadêmica de Medicina da Universidade de Passo Fundo.

² Professora Titular do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Erechim.

³ Professor Assistente do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Ex-presidente da Associação Gaúcha de História da Medicina.

Trabalho apresentado à II Jornada Gaúcha de História da Medicina, sede da Associação Médica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, em outubro de 2010.

RESUMO

Objetivos: Comparar a pandemia de gripe espanhola, que coincidiu com o ano de fundação do Hospital São Vicente de Paulo, localizado na cidade de Passo Fundo, RS, com a pandemia de gripe A vivida em 2009, ambas causadas pelo vírus *Influenza A H1N1*.

Fonte de dados: Base de dados do Hospital São Vicente de Paulo (referente a 1918 e 2009) assim como seu *site* na internet, Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo, jornais, revistas e relatórios de 1918-1919 e 2009-2010, dados da literatura (principalmente do livro “Banalização da Morte na Cidade Calada”, de Janete Silveira Abrão), periódicos científicos e *sites* oficiais da internet (Ministério da Saúde, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Organização Mundial da Saúde).

Síntese dos dados: Uma pandemia de gripe espanhola ocorreu no ano de 1918 e causou a morte de mais de 20 milhões de pessoas em apenas um ano. Quase um século depois, surge a pandemia pelo vírus *Influenza A H1N1*, provocando cerca de 18 mil mortes entre abril de 2009 e maio de 2010. Este trabalho evidencia consequências dessas pandemias na cidade de Passo Fundo, especialmente no Hospital São Vicente de Paulo.

Conclusões: Há consideráveis semelhanças entre as pandemias de 1918 e de 2009, sendo que ambas deixaram fortes marcas no Hospital São Vicente de Paulo e na cidade de Passo Fundo.

DESCRIPTORIOS: VÍRUS DA INFLUENZA A SUBTIPO H1N1; INFLUENZA HUMANA; GRIPE; HISTÓRIA DA MEDICINA; REGISTROS MÉDICOS.

ABSTRACT

Aims: To compare the Spanish flu pandemic, which coincided with the year of founding of São Vicente de Paulo Hospital, located in the city of Passo Fundo, Rio Grande do Sul State, Brazil, with the influenza pandemic in 2009, both caused by the *Influenza A H1N1* virus.

Source of data: Hospital São Vicente de Paulo databases (1918 and 2009) and internet site, Regional Historical Archives of the University of Passo Fundo, newspapers, magazines and reports of 1918-1919 and 2009-2010, data of literature (mainly from the book of Janete Silveira Abrão “Banalização da Morte na Cidade Calada”), scientific journals and official internet sites (Ministry of Health, Brazilian Institute of Geography and Statistics, World Health Organization).

Summary of findings: Spanish flu pandemic occurred in 1918 and killed more than 20 million people in just one year. Almost a century later, the *Influenza A H1N1* pandemic emerges, causing about 18,000 deaths between April 2009 and May 2010. This work shows consequences of both pandemics in the city of Passo Fundo, especially in the São Vicente de Paulo Hospital.

Conclusions: There are considerable similarities between the pandemics of 1918 and 2009, and both of them left strong marks on the São Vicente de Paulo Hospital and in the city of Passo Fundo.

KEY WORDS: INFLUENZA A VIRUS, H1N1 SUBTYPE; INFLUENZA, HUMAN; HISTORY OF MEDICINE; MEDICAL RECORDS.

Recebido: abril de 2012. Aceito: julho de 2012.

Endereço para correspondência/Corresponding Author:

LUIZ GUSTAVO GUILHERMANO
Faculdade de Medicina da PUCRS
Av. Ipiranga 6690
CEP 90610-000 Porto Alegre, RS
E-mail: gumano@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é comparar a pandemia de gripe espanhola, que coincidiu com o ano de fundação do Hospital São Vicente de Paulo (HSVP), localizado na cidade de Passo Fundo, RS, com a pandemia de gripe A vivida em 2009, ambas causadas pelo vírus *Influenza A H1N1*. A primeira ocorreu em um período de precárias condições sanitárias, o que agravou a situação com a qual a população mundial se deparou. Já a de gripe A iniciou no ano de 2009 e estava inserida em uma época de avanços tecnológicos e maior infraestrutura de hospitais, por isso houve um preparo mais qualificado para o seu enfrentamento.

MÉTODOS

Este estudo retrospectivo envolve dados colhidos no HSVP, pesquisas no Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo, jornais, revistas e relatórios de 1918-1919 e 2009-2010, dados da literatura (principalmente do livro “Banalização da Morte na Cidade Calada”, de Janete Silveira Abrão), periódicos científicos e *sites* oficiais da internet (Ministério da Saúde, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Organização Mundial da Saúde).

A pesquisa sobre dados de 2009/2010 nos arquivos hospitalares foi aprovada pela Comissão de Pesquisas e Pós-Graduação do Hospital São Vicente de Paulo.

BREVE HISTÓRICO DO HOSPITAL SÃO VICENTE DE PAULO

No dia 24 de junho de 1918, com o intuito de fundar uma instituição hospitalar e prestar assistência médica, fornecer medicamentos e ampliar o conforto espiritual da população, nasceu o Hospital São Vicente de Paulo, o qual possuía um lema: “Justiça, Caridade, Renúncia”. Sua fundação aconteceu sob liderança do Padre Rafael Iop (Vigário da Paróquia Nossa Senhora da Conceição) e graças ao esforço de confrades da Sociedade São Vicente de Paulo e zeladores do Apostolado da Oração.¹ Com o objetivo de organizar as instalações foi feito um pequeno prédio, localizado na Rua Paissandu, nº 16, onde atualmente situa-se a Escola Estadual de 1º e 2º Graus Nicolau Araújo Vergueiro (nome de um dos primeiros médicos a atenderem no centro de saúde). Após alguns reparos na estrutura do prédio, foi instalado o hospital. Na época, a casa tinha cerca de 240 metros quadrados, contando apenas com duas enfermarias (uma masculina e outra feminina), um quarto de primeira classe, dois quartos de segunda classe, uma sala de cirurgia e uma casa de isolamento.

O padre João Rafael comunicou o funcionamento do HSVP ao Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, que disponibilizou os serviços do médico Nicolau de Araújo Vergueiro para trabalhar no hospital.² A diretoria provisória foi formada pelos seguintes membros: padre Rafael Iop (diretor-fundador); Herculano Trindade (presidente); Antônio Manoel Caminha (vice-presidente); Atilio Corá (1º secretário); João Nozari (2º secretário); Herminio Biasu (1º tesoureiro); e Nascimento Rocha (2º tesoureiro).³

Nos dias atuais o HSVP possui mais de 50.000 metros quadrados de área construída, com dezenas de enfermarias. Realiza em média 30.000 internações/ano, sendo que 61% são pelo Sistema Único de Saúde. Realiza centenas de cirurgias, muitas delas de alto nível de complexidade. Segundo o Ministério da Saúde, o HSVP é considerado um centro de referência em saúde para o sul do Brasil, mantendo relação com mais de 300 municípios. O HSVP há quatro décadas transformou-se em hospital de padrão universitário em razão de sua ligação com a Faculdade de Medicina da Universidade de Passo Fundo. O Ministério da Saúde indicou o hospital como referência em atendimentos da gripe A.²⁶ Desse modo, percebe-se a disparidade entre as condições do hospital à época de sua fundação e atuais. No século XXI, a qualidade de atendimento, o tratamento e o diagnóstico contam com recursos impensáveis em 1918.

A PANDEMIA DA GRIPE ESPANHOLA

A proposta de consolidar o Hospital São Vicente ocorreu em um momento conturbado para a história da humanidade que, em 1918, foi assolada pela epidemia de gripe espanhola.⁴ Muitas perguntas sobre suas origens, suas características epidemiológicas, bem como a base da sua patogenia permanecem sem resposta. A teoria mais aceita é que a gripe espanhola tenha se originado devido às péssimas condições sanitárias impostas pela I Guerra Mundial⁵ e pelo fluxo de militares combatentes.⁶ Essa foi a pior pandemia de gripe da idade moderna, pois chegou a infectar um quinto da população mundial.⁶ A gripe espanhola só não atingiu algumas ilhas do Pacífico, Nova Guiné e Santa Helena. Já na Austrália, como havia uma política sanitária forte, só se manifestou em janeiro de 1919.⁷

A citação abaixo expressa os sentimentos vivenciados pela população assombrada pela pandemia de 1918:

O tempo da epidemia é o da solidão, da suspeição generalizada, com o esgarçamento das relações humanas. Quem permanece imune tranca-se em casa,

*não recebe amigos nem parentes. Fecham-se bares, cinemas, teatros. Os guardas são aconselhados a evitar apertos de mãos, limitando-se à continência. Abraços e beijos são considerados quase que atos de traição. As tragédias que aconteciam no delírio da febre se repetiam com frequência. Gente gripada tentava o suicídio ou matava o mais próximo. Doentes saltavam das janelas de suas casas ou dos hospitais.*⁸

Mais pessoas morreram de gripe em um único ano do que nos quatro anos da peste bubônica (1347-1351).⁹ A I Guerra Mundial (1914-1918), que já utilizou armamentos bélicos modernos, veículos automotores e aviões, e durou 4 anos, matou cerca de 13 milhões de pessoas.¹⁰ A gripe espanhola, em um único ano, teve uma repercussão ainda mais grave: dizimou entre 20 e 40 milhões de pessoas ao redor do mundo.⁹ Segundo dados oficiais da OMS seriam 20 milhões de mortos, porém naquele período países populosos como China e Índia não tinham registros de óbitos e os corpos eram queimados nas ruas.⁶ Por isso, acredita-se que esse número tenha sido ainda maior. Relata-se que quase a metade dos mortos se encontravam na faixa dos 20 a 40 anos de idade, e foram observadas taxas de letalidade de 30% entre as mulheres grávidas.¹¹ Em pessoas de 15 a 34 anos de idade, a taxa de mortalidade por gripe e a ocorrência de pneumonia foram 20 vezes maiores em 1918 do que em anos anteriores.⁹

Em carta descoberta e publicada no *British Medical Journal* quase 60 anos depois da pandemia de 1918-1919, um médico norte-americano diz que a doença começa como um tipo comum de gripe e descreve a situação dos doentes:

*desenvolvem rapidamente o tipo mais viscoso de pneumonia jamais visto. Duas horas após darem entrada [no hospital], têm manchas castanho-avermelhadas nas maçãs do rosto e algumas horas mais tarde pode-se começar a ver a cianose estendendo-se por toda a face a partir das orelhas, até que se torna difícil distinguir o homem negro do branco. A morte chega em poucas horas e acontece simplesmente como uma falta de ar; até que morrem sufocados. É horrível. Pode-se ficar olhando um, dois ou 20 homens morrerem, mas ver esses pobres-diabos sendo abatidos como moscas deixa qualquer um exasperado.*¹²

Por volta do mês de setembro de 1918 a gripe espanhola chega ao Brasil pelo navio inglês *Demerara*, que aportou em Recife, Salvador e Rio de Janeiro, e a doença se espalhou rapidamente pelas principais cidades do país.¹³ Estima-se que entre outubro e dezembro de 1918, período oficialmente reconhecido como pandêmico, 65% da população adoeceu. Só no

Rio de Janeiro, foram registradas 12.830 mortes.¹⁴ Em São Paulo, outras 5.100 pessoas morreram.¹⁴ A estimativa do número total de mortes no Brasil foi cerca de 300 mil.⁵

A censura era extremamente presente no ano da pandemia. Muitos jornais do mundo, incluindo os do Rio Grande do Sul, como por exemplo o “*Correio do Povo*”, foram proibidos de publicar algumas manchetes sobre a gripe espanhola. Isso ocorreu devido ao fato de que muitas dessas manchetes colocavam em dúvida a autoridade e a eficiência do Estado na área sanitária.¹⁵ Dessa forma, a população era enganada muitas vezes pela mídia, que após a censura não podia mais expor ao povo medidas errôneas feitas pelo Estado, ou até mesmo a falta de medidas sanitárias. As condições de atendimento nos hospitais eram extremamente precárias.

Em 9 de outubro de 1918, a gripe espanhola chegou a Rio Grande, através do navio *Itajubá*. A bordo, estavam 38 tripulantes atacados pela doença. Logo se disseminou por todo o Rio Grande do Sul, na época habitado por 1.985.500 pessoas. O número total de vítimas, segundo o Relatório da Diretoria de Higiene, foi de 3.971 pessoas.¹⁴

A gripe espanhola atinge a cidade de Passo Fundo em fins de outubro de 1918. O município havia passado por um aumento populacional de forma muito rápida. Em 1910 existiam na cidade 41.766 habitantes, já em 1918, 60.000.^{16,17} As consequências desse aumento populacional rápido foram percebidas através do enfrentamento à pandemia de gripe que havia chegado na cidade. Percebeu-se que a política sanitária era praticamente inexistente, além da falta de recursos médicos oferecidos ao povo.¹⁸ Os primeiros serviços de assistência realizados pela nova instituição do HSVP foram voltados ao combate dos efeitos causados pela gripe.¹ No dia 4 de novembro de 1918, o hospital recebeu os primeiros doentes atacados pela epidemia, cujos números foram sucessivamente aumentando.² Durante a gripe espanhola foram tratados 76 doentes no hospital, sendo que 15 faleceram (4 crianças e 11 adultos).¹⁹ Herculano Trindade, que veio a ser o primeiro presidente da Sociedade Hospitalar, com a ajuda de Ludovico Dela Mea, construiu um pavilhão de madeira para isolar os doentes infectados pela moléstia contagiosa. A equipe de enfermagem era leiga sobre alguns tipos de cuidados e os registros mostram que quase todos foram infectados pelo vírus.²

As vítimas foram atendidas por três médicos: Nicolau Araújo Vergueiro, Carlos Meyes e João Barbedo.¹⁹ O médico que recebeu maior destaque foi Nicolau Araújo Vergueiro. Formado em medicina em 1905, trouxe para sua cidade natal muitos avanços

na área da saúde, teve ampla participação política e escreveu em muitos jornais que circulavam na época.²

A citação abaixo, de autoria do Intendente Coronel da época, resume o que foi vivido no município, e também no país como um todo:

A calamidade que assolou o país, no ano de 1918, com o aparecimento da epidemia denominada influenza espanhola, que horrível morticínio ocasionou na Capital da República, alastrando-se, em seguida pelos Estados, manifestou-se também, nesta cidade, em caráter grave, alarmante, ceifando vidas preciosas, paralisando as atividades e pondo em sobressalto toda a população do Município. (Intendente Coronel Pedro Lopes de Oliveira).¹⁸

Estima-se que o número de mortes em Passo Fundo foi de 118 no período de 31 de outubro de 1918 a 05 de janeiro de 1919.²⁰ Porém, segundo Marco Antônio Damian,²¹ a região era habitada por muitos indigentes, e o vírus pode ter causado 2.000 mortes. Os gastos da Intendência Municipal destinados à gripe espanhola totalizaram 20:157\$310 (vinte contos, cento e cinquenta e sete mil trezentos e dez reis).¹⁸ Na moeda atual, esse valor representaria R\$42.000,00 (quarenta e dois mil reais). Para a conversão de reis para reais foi consultada no ano de 2010 a procuradora do INSS em Erechim, Sra. Cíntia Karen Vieira.

GRIFE A versus GRIFE ESPANHOLA

Os descendentes do vírus *Influenza A* H1N1 que causou a pandemia de 1918-1919 têm persistido nos humanos por mais de 90 anos e têm contribuído para novas viroses, causando novas pandemias, epidemias e epizootias. A pandemia de 2009, causada por um novo vírus *Influenza A* (H1N1) deriva do vírus H3N2 e de duas linhagens suínas de H1N1, uma delas derivada diretamente do vírus suíno de 1918. Desde 1918 esse vírus tem sofrido mutações para sobreviver tanto na forma humana quanto em suínos, para gerar uma série de vírus progênie com novos genes. A pandemia do vírus H1N1 de 2009 representa mais um produto genético na árvore genealógica do vírus de 1918.²²

Na natureza, os vírus *Influenza A* parecem existir como complexos transitórios de oito genes que se combinam promiscuamente, se não de forma aleatória, em um enorme reservatório aviário global. Dentro desse reservatório, os vírus permanecem adaptados às vias entéricas de centenas de espécies de aves. Devido ao contínuo rearranjo, uma variedade aparentemente infinita de vírus com propriedades potencialmente novas são continuamente criadas. Os mecanismos pelos quais os vírus aviários atravessam as barreiras

para infectar humanos e outros mamíferos ainda são desconhecidos, e sua infectividade, transmissibilidade e patogenicidade são complexas e permanecem pouco conhecidas. Os descendentes diretos do vírus de 1918 causaram pandemias em 1957 (H2N2) e 1968 (H3N2); também causaram eventos similares em 1947 (H1N1), 1951 (H1N1), 1997 (H3N2) e 2003 (H3N2). O vírus H1N1 associado à pandemia de 2009 é um descendente de quarta geração do vírus de 1918. A complexa história evolutiva deste vírus e características genéticas em múltiplas espécies (humanos, suínos e aves) levou a uma evolução na resposta imunológica da população. Essa relação entre a rápida evolução viral e as rápidas mudanças na imunidade da população tem criado a “era pandêmica” pelos últimos 91 anos, e existe pouca evidência de que esta era esteja prestes a chegar ao fim.²²⁻²⁴

Por outro lado, pandemias sucessivas em geral parecem estar diminuindo em termos de severidade ao longo do tempo. Essa diminuição é certamente devida em parte aos avanços na medicina e na saúde pública, mas também, provavelmente, é reflexo da evolução viral que favorece a patogenicidade e transmissibilidade ideal mínima. Entretanto, devemos estar preparados para lidar com a possibilidade de uma nova pandemia por influenza clinicamente severa causada por interação de novos vírus, assim como devemos entender mais profundamente e continuar a explorar os determinantes e as dinâmicas da era pandêmica em que vivemos.²²

As epidemias se propagam em uma velocidade muito rápida e não é possível prevê-las. Porém, o acesso à informação nos tempos atuais é muito mais fácil do que no início do século XX. Mesmo não sendo possível evitar o aparecimento de novos vírus, de novas doenças, a medicina consegue amenizar os danos. Com a tecnologia, a globalização, o empenho dos profissionais da saúde, o controle é facilitado e existe maior aderência à prevenção entre as pessoas.

Para traduzir a grande preocupação da sociedade, e a curiosidade despertada sobre a possibilidade de uma nova pandemia, novamente o assunto “gripe” não se limitou à literatura especializada. Ocupou também importantes espaços na imprensa geral, como na revista *Veja*; porém, dessa vez não há censura e as informações são educativas. A revista explica o desenvolvimento da pandemia pelo vírus *Influenza A* H1N1, que surgiu no México e logo se disseminou por outros países. O primeiro caso conhecido foi de Edgar Hernández, com apenas 5 anos de idade, cidadão mexicano, e a primeira morte fora do México foi nos Estados Unidos.²⁵ Em julho de 2009, o assunto continuava em evidência:

*A grande preocupação é que o novo vírus foi mais letal em pessoas jovens, muitas com boa saúde, diferente do vírus comum que mata mais idosos e pessoas que já tenham adquirido algum tipo de patologia. Muitos pensaram que o vírus tinha capacidade de ficar mais agressivo, porém ele se enfraqueceu. O vírus da influenza espanhola, que destruiu tantas vidas, hoje é um dos mais fracos em circulação, sofreu mutações que o deixaram menos letal e mais infeccioso.*²⁶

A nova pandemia vitimou cerca de 18 mil pessoas no mundo entre abril de 2009 e maio de 2010, o que causou grande pânico na população.²⁷ No Brasil, em 2009 morreram 2.051 pessoas, já em 2010, graças a medidas preventivas, e principalmente à campanha de vacinação, o número diminuiu para 100 mortes.²⁸

A região de Passo Fundo, por ter grande circulação de pessoas vindas dos locais de risco (Argentina, por exemplo), ficou muito vulnerável e registrou o primeiro óbito pela gripe A H1N1 do país, dentro do HSVP.²⁹ Calcula-se que Passo Fundo em 2009 era habitado por 187.507 cidadãos.³⁰ Entre junho e dezembro do mesmo ano a gripe A causou 20 óbitos e foram notificados 367 pacientes com o vírus *Influenza A H1N1*.³¹ Percebe-se, por este dado, que não houve grande aumento em termos de número absoluto de mortes, comparado com o de 1918, quando foi registrado o número de 15 vítimas. Porém, como o número de habitantes, em 1918, era de 60.000 pessoas, a proporção de mortes foi maior no período da gripe espanhola.

A nova gripe fez com que o HSVP se adaptasse às necessidades impostas por ela. O hospital teve um posto isolado para enfermos com gripe A H1N1 e uma Unidade de Tratamento Intensivo extra com 10 leitos. A equipe médica e de enfermagem foi treinada e orientada para atender os pacientes contaminados. Além de ter havido uma redução no número de internados por outros motivos, principalmente porque as pessoas tinham medo de procurar os hospitais, cirurgias eletivas foram canceladas, exceto as de emergência. Apesar disso, o número de exames diagnósticos feitos foi elevado. Os gastos dentro do HSVP apenas em antibióticos foram de 500 mil reais, e o total foi aproximadamente de 2 milhões de reais, o que revela um aumento significativo em relação aos gastos com a gripe espanhola.³² A faixa etária mais atingida em ambas as pandemias foi de adultos jovens, e as instruções dadas ao povo foram extremamente parecidas. Em 1918 foram publicados no jornal O Estado de S. Paulo alguns “conselhos ao povo”. Por exemplo, evitar aglomerações, repousar, ter cuidados higiênicos, cuidados especiais para crianças e idosos;³³ em 2009, a Organização Mundial da Saúde alerta a população sobre os mesmos cuidados.³⁴

CONCLUSÕES

Há semelhanças explícitas entre as pandemias. As duas surgem em épocas em que o fluxo de pessoas pelas mais diversas partes do planeta é intenso. A primeira, em razão da I Guerra Mundial, em que o fluxo de tropas militares e más condições sanitárias facilitaram a propagação do vírus, e a segunda pela intensa movimentação de pessoas, característica da globalização própria deste início do século XXI. A gripe espanhola deixou fortes marcas para o povo passo-fundense. Foi responsável pelos primeiros atendimentos no HSVP e, anos depois, em Passo Fundo morre o primeiro brasileiro vitimado pela gripe A neste mesmo hospital. Após, sucederam-se vários casos notificados e óbitos. O vírus, após sofrer mutações, reaparece na cidade e ocasiona, assim como ocorrera em 1918, grande preocupação na população e na equipe médica, relembrando a época da fundação do HSVP.

REFERÊNCIAS

1. Damian MA. História da Medicina em Passo Fundo – Dados relevantes. Revista da Academia Passo-Fundense de Letras. 2008;5:98-106.
2. Nascimento W. Homenagem da APL ao Hospital São Vicente de Paulo, pela passagem dos seus 90 anos. Revista da Academia Passo-Fundense de Letras. 2008;5:20-1.
3. Damian HA; Damian MA. Páginas da Belle Époque Passo-fundense. Passo Fundo: Passografic; 2008.
4. HSVP. [Página da internet], [Acesso 01 de agosto de 2010]. Disponível em: <http://www.hsvp.com.br/historico.aspx>
5. Abrão JS. A Gripe Epidêmica em Porto Alegre, 1918. In: Guilhermano LG, Schwartsmann LB, Serres JP, Lopes MHI. Páginas da História da Medicina. Porto Alegre: Edipucrs; 2010. Parte I, Capítulo 9, p. 110-9.
6. Ujvari SC. A história e suas epidemias: Convivência do Homem com os Microrganismos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2003. Capítulo 5 – Na época da primeira grande guerra. p. 236-45.
7. Abrão JS. Banalização da Morte na Cidade Calada: a Espanhola em Porto Alegre, 1918. Porto Alegre: Edipucrs; 1998. p. 26.
8. Bertucci, L. Livro revela impactos da gripe espanhola no país. Jornal da Unicamp, Edição 308, 7 a 13 de novembro de 2005, p. 6.
9. Billings, M. The Influenza Pandemic of 1918. Fevereiro de 2005. [Acesso 21 de agosto de 2010]. Disponível em: <http://virus.stanford.edu/uda/>
10. Crouzet M. História Geral das Civilizações v. 15, p. 35. Opus Cit in História Geral, Cláudio Vicentino. Trad. São Paulo: Difel, 1973.
11. Organização Pan-Americana da Saúde; Organização Mundial da Saúde. Pandemia de gripe: preparação no hemisfério ocidental. Washington, D.C., EUA, 23-27 de junho de 2003. [Acesso 21 de agosto de 2010]. Disponível em: <http://www.paho.org/portuguese/gov/ce/ce132-20-p.pdf>
12. Rocha J. Pandemia de gripe de 1918. [Acesso 20 de agosto de 2010]. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br>

13. Abrão JS. Banalização da Morte na Cidade Calada: a Hespânica em Porto Alegre, 1918. Porto Alegre: Edipucrs; 1998. p. 39.
14. Abrão JS. Banalização da Morte na Cidade Calada: a Hespânica em Porto Alegre, 1918. Porto Alegre: Edipucrs; 1998. p. 139.
15. Correio do Povo, Porto Alegre, dezembro de 1918.
16. Rosa LGD. História Saúde & Poder em Passo Fundo. [Dissertação – Mestrado em História], Faculdade de História, Universidade de Passo Fundo; 2007. Passo Fundo: Méritos; 2007. p. 99.
17. Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente Coronel Pedro Lopes de Oliveira. 01 nov. 1919. p. 41.
18. Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente Coronel Pedro Lopes de Oliveira. 01 nov. 1919. p. 132-3.
19. Setor de Comunicação Social do Hospital São Vicente de Paulo. Edição Comemorativa. Hospital São Vicente de Paulo – História que nasceu de uma necessidade humana. p. 8-9.
20. Livro de Registros de Sepultamentos do Cemitério Público de Passo Fundo do período de 1909 a 1926. Localizado na Prefeitura Municipal de Passo Fundo na Secretaria de Administração. p. 45-9.
21. Entrevista realizada com Marco Antônio Damian, historiador em Passo Fundo-RS. Agosto de 2010.
22. Morens DM, Taubenberger JK, Fauci AS. The Persistent Legacy of the 1918 *Influenza* Virus. *N Engl J Med*. 2012;361:225-9.
23. Taubenberger JK, Morens DM. Pandemic influenza – including a risk assessment of H5N1. *Rev Sci Tech*. 2009;28:187-202
24. David Uip. A evolução da nova gripe. O Estado de S. Paulo, São Paulo. 31 de julho de 2009.
25. Favaro T, Carelli G, Beguoci L, et al. Gripe – o mundo teme uma nova pandemia. *Revista Veja*. Ano 42, maio de 2009, p. 110-4.
26. Paulin, I. Gripe: há motivo para pânico? *Revista Veja*. Ano 42, julho de 2009, p. 98-9.
27. Etchichury C. Os países mais vulneráveis à gripe. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre. 14 de maio de 2010, p. 46.
28. Sociedade Brasileira de Infectologia. Boletim do Ministério da Saúde aponta que Brasil registrou 99 mortes por Gripe A até início de setembro. [Acesso 18 de outubro de 2010]. Disponível em: http://www.sbinfecto.org.br/default.asp?site_Acao=&paginaId=134&mNoti_Acao=mostraNoticia¬iciaId=20468
29. Morre em Passo Fundo (RS) primeiro brasileiro vítima de gripe suína. Reportagem de 28 de junho de 2009. [Acesso em setembro de 2010]. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u587599.shtml>
30. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Acesso 7 de setembro de 2010]. Disponível em: <http://ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>
31. Relatório Social de 2009, Hospital São Vicente de Paulo.
32. Entrevista com o vice-diretor do Hospital São Vicente de Paulo, Dr. Júlio Stobbe. Agosto de 2010.
33. Recomendações do Serviço Sanitário de São Paulo para prevenir a Gripe Espanhola. O Estado de S. Paulo, São Paulo. 21 de outubro de 1918.
34. Organização Mundial de Saúde. Adaptado para Direção-Geral da Saúde. Gripe A (H1N1) – Como se pode proteger a si e aos outros. [Acesso 20 de agosto de 2010]. Disponível em: <http://www.dgs.pt>

Locais de pesquisa

1. Museu Histórico Regional de Passo Fundo. [Acesso em agosto 2010]. Disponível em: <http://www.upf.br/mhr/>
2. Arquivo do Hospital São Vicente de Paulo. [Acesso em agosto 2010]. Disponível em: <http://www.hsvp.com.br/>
3. Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo. [Acesso em agosto 2010]. Disponível em: <http://www.upf.br/ahr/>
4. Biblioteca Central da Universidade de Passo Fundo. [Acesso em agosto 2010]. Disponível em: http://www.upf.tche.br/biblio/index.php?option=com_content&task=view&id=18&Itemid=42
5. Museu de Comunicação Social José Hipólito da Costa. [Acesso em agosto 2010]. Disponível em: <http://www.museudacomunicacao.rs.gov.br/site/>
6. Brasil Moedas/numismática. [Acesso em agosto 2010]. Disponível em: <http://www.brasilmoedas.com.br/artigos>